

## Introdução

Desde a Antiguidade Clássica, a associação entre Poder e Saber é uma constante, seja numa dimensão política, seja religiosa. Agentes de Poder alicerçaram muitas das suas estratégias em agentes de Saber<sup>1</sup>. Desde o período Moderno (séculos XIV-XVIII) assiste-se, na Europa, a um declarado uso da Ciência, do pensamento científico, e dos avanços tecnológicos como meios e estratégias de domínio e de prevalência de potências, primeiro num contexto europeu, depois num espaço mundial, através de programas de colonização ultramarina. Com o Humanismo Europeu, e através de um mecenato activo, as agendas políticas não dispensavam a integração de agentes intelectuais nos seus programas de poder. Diversas instituições, que não apenas as de cultura, ou as universitárias, foram agentes activos nestas dinâmicas. Este processo intensificou-se, com o fim do Antigo Regime, através de novas formas pelas quais o conhecimento foi colocado ao serviço do Estados e dos grupos dominantes.

Mais recentemente, a declarada articulação entre projetos totalitários, como o do Nacional Socialismo, e o uso da Ciência, evidenciou os riscos dos usos do Saber com fins políticos e ideológicos<sup>2</sup>. Esta é uma matéria sobre a qual cientistas das várias áreas do saber não podem deixar de refletir. Daí também a importância que estes tópicos têm adquirido no âmbito da Filosofia da Ciência.

Paralelo a este contexto, em que agentes construtores do saber mantiveram estreita dependência das flutuações de políticas estatais, outros circuitos de saber se definem, desenhando novos “poderes”: o Poder do Saber, mesmo quando empírico, mesmo quando circulando à margem dos circuitos institucionalizados. É em grande medida este saber que alicerça as experiências de exploração geográfica e oceânica que conduzem ao expansionismo português e europeu, à descompartimentação do real e à construção, de uma Primeira Idade Global, consensualmente situada, em termos europeus, entre 1400 e 1800.

Este livro, conta com trabalhos que possam contribuir para a compreensão dessa dimensão histórica do binómio Ciência e Poder, em particular a partir desta Primeira

---

<sup>1</sup> Foucault, Michel - Power/knowledge: selected interviews and other writings, 1972-1977, edited by Colin Gordon ; translated by Colin Gordon, New York : Pantheon Books, 1980.

<sup>2</sup> Beyerchen, Alan, *Scientists under Hitler: Politics and the physics community in the Third Reich*, New Haven, CT: Yale University Press, 1977. Hentschel, Klaus, ed. *Physics and National Socialism: An anthology of primary sources*, Basel: Birkhaeuser, 1996.

Idade Global, em que novas premissas, de Saber e de Poder, se equacionam, a uma escala mundial. Partindo de uma visão ampla do processo de construção de conhecimento científico, o livro passa à discussões mais específicas com estudos sobre Medicina, farmácia, filosofia natural e saúde pública no Império português, chegando, por fim, a discussões sobre a criação de uma ciência de polícia em Portugal na segunda metade do século XVIII.

## **Ciência e poder colonial**

Ao longo dos séculos XV a XVIII ocorreram complexos processos da expansão marítima que conduziram à consolidação de impérios coloniais europeus. Estes processos envolvem fenómenos multifacetados e dependem de um grande número de variáveis históricas. Em igual proporção e indissociáveis entre si, interesses comerciais, questões estratégico-militares, propósitos evangelizadores e motivações intelectuais combinaram-se no desenvolvimento de inúmeros processos de construção e acumulação do conhecimento. “Humanismo”, “Revolução Científica” e “Iluminismo” são alguns dos programas culturais que marcam, na Europa, este período.

Em paralelo, entre os historiadores parece haver, atualmente, consenso quanto ao facto de a expansão marítima e a construção dos impérios coloniais não apenas terem resultado de fatores técnico-científicos, mas na verdade terem moldado as características daquilo que, no final do Antigo Regime europeu, emergiu na Europa sob a designação de Ciência. Este é um processo complexo, resultante de transferências recíprocas, em que os contributos dos universos de colonização são cada vez mais tidos em consideração<sup>3</sup>, afastando-nos de uma visão eurocêntrica de análise. Os Estados incorporaram a investigação da Natureza nas suas estratégias de poder, na clara compreensão de que isso era fundamental à expansão e manutenção dos seus domínios, e imprescindível na acirrada competição com as potências concorrentes. As potências envolvidas neste processo não pouparam recursos para fomentar o domínio da Natureza, desde logo através do seu reconhecimento e descrição. A Ciência emerge, assim, como uma ferramenta de Poder<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> BLEICHMAR, Daniela et al., ed. - *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500–1800*. Stanford: Stanford University Press. 2009.

<sup>4</sup> DOMINGUES, Ângela - Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*. v.

No entanto, longe de ter sido uma via de sentido único, ditada pelo ritmo e a direção dos processos coloniais, a acumulação e processamento dos saberes deu-se no contexto de um intenso regime de trocas e comparticipações. O hibridismo do conhecimento resultante dessas interações é um facto hoje amplamente debatido<sup>5</sup>.

Mesmo assumindo que nem todos os processos de construção de conhecimento se deram dentro da esfera de ação direta dos Estados, isso não permite desconsiderar a análise da forma como a sua produção e disseminação se relacionou com as esferas de Poder. Entre outros fatores, deve ser amplamente considerada a ação das ordens religiosas e sua obra evangelizadora. Franciscanos, Agostinhos e Jesuítas participaram em larga escala em todo este processo. Empreenderam uma extensa e intensa troca de saberes com os povos autóctones, tendo a expansão da fé como pano de fundo, mas o intercâmbio de saberes como resultado.

Em simultâneo, estabelecem-se redes informais e auto-organizadas que incluem agentes e grupos económicos que potenciam a circulação e a aplicação de conhecimentos, hidrográficos, geológicos, biológicos que, enquanto agentes mediadores, registam, acumulam e transferem estas redes, estes fluxos, e os seus contributos para a construção do pensamento científico, nas suas relações com os poderes formais.

Assim, os capítulos deste livro foram pensados para corroborar com essas ideias, dentro do contexto do Império português. Começando pela contribuição de Onésimo T. Almeida com uma análise que remonta ao século XV, e o início de um processo estratégico de domínio global. Este processo sugere uma reflexão acerca do crescente esforço, por parte dos Estados Modernos, para a implementação de mecanismos de controlo e racionalização das atividades que envolviam a produção e circulação de saber. É precisamente acerca dessa, e de outras temáticas que trata então o capítulo seguinte. Laurinda Abreu dirige sua objetiva às normas e práticas de assistência e saúde em Portugal. Este tema, por sua vez, corrobora com os estudos sobre a relação entre o poder e a saúde, onde o papel dos médicos e cirurgiões figura, por exemplo, no centro

---

VIII (suplemento), 823-38, 2001; Notícias do Brasil Colonial: A Imprensa Científica e Política ao Serviço das Elites (Portugal, Brasil, Inglaterra). *Varia História*. v. 22, n. 35 (2006), p. 150-174.

<sup>5</sup> WALKER, Timothy D. The Medicines Trade in the Portuguese Atlantic World: Acquisition and Dissemination of Healing Knowledge from Brazil (c. 1580–1800). *Social History of Medicine*. n. 26; v. 3; maio de 2013; p. 1 – 29. And Acquisition and Circulation of Medical Knowledge within the Early Modern Portuguese Colonial Empire. In: BLEICHMAR, Daniela; DE VOS, Paula; HUFFINE, Kristin; and SHEEHAN, Kevin (Ed.). (2008). *Science in the Spanish and Portuguese Empires (1500-1800)*. p. 247-270.

das discussões, e constituem matéria de destaque para a compreensão de uma série de reformas instituídas em Portugal, principalmente na segunda metade do século XVIII. Os três capítulos seguintes verticalizam para esta problemática. Primeiro com Rafael Dias da Silva Campos, seguido por Luís Ribeiro Gonçalves, e Monique Palma.

Após esse bloco coeso, segue-se outro, formado por três estudos acerca da circulação de saberes, tanto no campo da medicina, quanto na farmácia e na filosofia natural. Os textos de Fabiano Bracht, Wellington Bernardelli Silva Filho, e Gisele C. Conceição, mostram-se centrais no âmbito dos processos de transformação das ciências, e da construção de novos paradigmas científicos em todo o Império português. Finalizamos este livro com o estudo de Maria Luísa Gama no campo da ciência como ferramenta fundamental para a prática da investigação, principalmente no período das reformas pombalinas.

Sob uma ampla perspectiva, os capítulos que compõe este livro demonstram como as ciências foram se transformando e sendo utilizadas dentro do complexo jogo das relações e estabelecimento do poder, que envolve as questões políticas, econômicas e sociais. Esta coletânea, busca tratar destes aspectos dentro do universo do Império português, através destas relações de poder, que envolvem a produção do conhecimento científico, as trocas de saberes e a construção de novos paradigmas científicos. Afinal, conhecimento é poder.

Amélia Polónia

Fabiano Bracht

Gisele Cristina da Conceição